



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES – DLA
CURSO DE LETRAS

VOCAÇÃO: FUGA OU DOM?

**O COMPORTAMENTO RELIGIOSO CONTROVERSO DE “EURICO, O
PRESBÍTERO”**

Por Pâmella Yonalle Araújo Gomes

CAMPINA GRANDE – PB, 2016

Pâmella Yonalle Araújo Gomes

**VOCAÇÃO: FUGA OU DOM?
O COMPORTAMENTO RELIGIOSO CONTROVERSO DE “EURICO, O
PRESBÍTERO”**

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso, requisito para a conclusão do curso de licenciatura em Letras na Universidade Estadual da Paraíba, na área de Língua Portuguesa, sob a orientação do Prof. Dr. Edson Tavares Costa.

Campina Grande-PB, 2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

G633v Gomes, Pâmella Yonalle Araújo
Vocação [manuscrito] : fuga ou dom? o comportamento religioso controverso de "Eurico, o presbítero" / Pâmella Yonalle Araújo Gomes . - 2016.
18 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Prof. Dr. Edson Tavares Costa, Departamento de Letras e Artes".

1. Alexandre Herculano. 2. Vocação. 3. Fuga. 4. Carreira eclesiástica. 5. Literatura portuguesa. I. Título.

21. ed. CDD P869.3

VOCAÇÃO: FUGA OU DOM?

O COMPORTAMENTO RELIGIOSO CONTROVERSO DE EURICO, O PRESBÍTERO

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso, requisito para a conclusão do curso de licenciatura em Letras na Universidade Estadual da Paraíba, na área de Língua Portuguesa, sob a orientação do Prof. Dr. Edson Tavares Costa.

Aprovada em: 05 de 05 de 2016.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Edson Tavares Costa – UEPB
(Orientador)



Prof. Ms. Jhonatan Leal da Costa – UEPB
(Avaliador)



Prof. Esp. Ranieri Machado Bezerra de Mello – UEPB
(Avaliador)

Nota 8,5

A Deus que me possibilita persistir em meus
objetivos e conquistá-los diariamente,
enriquecendo minha vida de ótimas
experiências.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Maria da Penha de Andrade, que me incentiva e ajuda a seguir sempre adiante, sendo um porto seguro e meu verdadeiro exemplo de força e caráter;

A meu pai, Cicero Gomes, que me ofereceu recursos para chegar até aqui, priorizando sempre a minha escolarização;

Minhas irmãs, Palloma Gomes e Priscilla Gomes, que me apoiam sempre, sendo irmãs, no sentido mais amplo e profundo da palavra;

A Luís Eduardo, meu companheiro e amigo íntimo, que caminhou sempre ao meu lado, dando suporte e força em todos os momentos, inclusive quando pensei que não conseguiria concluir este sonho;

Aos meus grandes e queridos amigos, Viviane Guedes, Isabele Egito, Jacqueline Silva e Anderson Ferreira, que sempre me ajudaram, com palavras e ações importantíssimas, durante esta trajetória, mostrando sempre que se importavam com meu sucesso;

Ao meu amigo e professor orientador, Dr. Edson Tavares, por toda paciência, competência, ensinamentos, responsabilidade e dedicação, para que este projeto se realizasse;

E a todos os docentes desta instituição, que enriqueceram minha vida pessoal com bons exemplos, e minha vida profissional com grandes ensinamentos.

Sinto-me completamente grata por ter podido compartilhar estes momentos de vida com todos, e saber que grandes pessoas me ajudaram a concluir este projeto.

“Não é verdade que o sofrimento enobreça o espírito; por vezes, a felicidade fá-lo, e o sofrimento, a maior parte das vezes, torna os homens mesquinhos e vingativos.”

W. Somerset Maugham

VOCAÇÃO: FUGA OU DOM? O COMPORTAMENTO RELIGIOSO CONTROVERSO DE EURICO, O PRESBÍTERO

Pâmella Yonalle Araújo Gomes
Prof. Dr. Edson Tavares Costa (Orientador)

RESUMO

Alexandre Herculano, um dos principais nomes da literatura romântica em Portugal, debruçou sua vida sobre o trabalho intelectual, avaliando e apontando os problemas sociais, políticos e culturais de seu país. Dentre suas principais obras, destaca-se *Eurico, o Presbítero*. O posicionamento religioso do personagem Eurico é controverso e duvidoso, tendo em vista que a vocação sacerdotal não lhe era presente; mergulhado em uma época em que a carreira eclesiástica era vista como uma forma de ascensão social, status ou fuga amorosa, ao contrário do esperado, ou seja, por vocação, Eurico inicia uma interessante vida sacerdotal, mas sem esquecer o que o motivou a este destino. Partindo das teorias que estudam o Romantismo no séc. XIX, este trabalho trata das características específicas deste momento da literatura, destacando a evasão, a fuga da realidade, de acordo com Moisés (2008) e Saraiva e Lopes (2008), além de focalizar conceitos de felicidade, estabelecidos por Sócrates (CHAUÍ, 1997), e vocação, em uma perspectiva espiritual (LA CROIX, 1942).

PALAVRAS-CHAVE: Alexandre Herculano. Vocação. Fuga. Carreira Eclesiástica.

Introdução

O presente trabalho é motivado pela expectativa de analisar o posicionamento religioso da personagem Eurico, na obra *Eurico, o Presbítero* (2006), de Alexandre Herculano, tomando como base os aspectos que induziam um indivíduo a optar por uma carreira eclesiástica no séc. XIX. Para isto recuperaremos pontos históricos que abrangem a temática, pontuando aspectos sociais, que introduziam o indivíduo em um cenário religioso, como obrigatoriedade familiar, *status* e /ou a necessidade de fugir de uma realidade imposta, além de expor definições de vocação no seu sentido mais amplo, no contexto literário e religioso.

Certos da importância do posicionamento religioso dentro da obra e dos motivos que levam Eurico a escolhas tão drásticas, julgamos importante analisar o posicionamento religioso do autor, dentro do texto, comentando traços espelhados na personagem principal, além de analisar a visão de Herculano a respeito da vida sacerdotal.

Eu, por minha parte, fraco argumentador só tenho pensado no celibato à luz do sentimento e sob a influência da impressão singular que desde verdes anos fez em mim a ideia da irremediável solidão da alma a que a igreja condenou os seus ministros, espécie de amputação espiritual, em

que para o sacerdote morre a esperança de completar a sua existência na terra. (HERCULANO, 2001, p.7-8)

Herculano avalia a vida do clero como castrada e infeliz, diante do rompimento de um dos preceitos bíblicos, o homem foi feito para ter uma companhia: “Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma ajuda idônea para ele.” (Gn 2: 18); assim, em tese, não pode um ser viver bem sem possuir o que lhe completa: “O homem deixa o seu pai e sua mãe para se unir à mulher; e já não são mais que uma só carne” (Gn 2: 24). O autor, baseando-se nesta necessidade bíblica do homem em ter uma companhia, cria e desenvolve uma personagem atormentada e emocionalmente doente, decorrente de uma situação, que, aos olhos de Herculano, é proveniente de uma condenação da igreja a seus membros, de viverem sozinhos, ceifando-lhes o direito de possuir uma companhia, ou seja, de serem felizes.

O que é vocação?

O vocábulo é proveniente do verbo latino *vocare*, que significa “chamar”; logo, subentende-se que alguém é chamado a fazer alguma coisa. Segundo o Catecismo Católico, “A vida no Espírito Santo realiza a vocação do homem (...). É feita de caridade divina e de solidariedade humana (...). É concedida gratuitamente como salvação (...) [§1699]”¹. Portanto entende-se que o ser humano desenvolverá sua vocação se estiver em equilíbrio com sua espiritualidade e sua humanidade.

2.1 Tipos de vocação

“Cada pessoa é um mundo” é uma expressão muito utilizada para demonstrar que as pessoas são diferentes e realizam funções distintas. Se analisarmos as vocações também por esta ótica, chegaremos à conclusão de que o mesmo ocorre, ou seja, o ser humano possui sua vocação, independente de qual seja – formar uma família, adentrar na vida eclesial ou ter uma vida religiosa reclusa –, cada um nasce para ouvir/seguir seu chamado.

E o que seria esse chamado, de acordo com a doutrina da igreja católica? É a seletiva missão que Deus reserva a cada um dos cristãos; portanto esse chamado é um dom, uma graça divina, é um sopro do Senhor sobre o indivíduo, que acontece para desenvolver a humanização, que desembocará na introdução deste no reino de Deus. Como cada indivíduo

¹ http://www.vatican.va/archive/catechism_po/index_new/p3s1cap1_1699-1876_po.html, acesso em 27/04/2016

seria detentor de uma vocação, é necessário que se estabeleça a distinção entre *vocação fundamental* e *vocação específica*.

A primeira vocação é a da santidade – a este fenômeno dá-se o nome de **vocação fundamental**², e é desta que provem a **vocação específica**, forma como o indivíduo desenvolve sua vocação fundamental, as escolhas que ele utilizará para desencadear seu chamado original, ou seja, como um laico, um membro participante e uma congregação religiosa ou um sacerdote ministerial.

Assim, segundo a doutrina da Igreja Católica Apostólica Romana, as vocações específicas desmembram-se em três: laical, religiosa e sacerdotal.

A vocação **laical** tem sua iniciação nos sacramentos do batismo e da crisma; o cristão leigo tem a função de auxiliar as almas, ajudando-as a seguir sempre com retidão em sua fé e em tudo que foi pregado por Cristo. “Todos os homens são chamados ao mesmo fim, que é o próprio Deus” [§1878], diz o Catecismo Católico, que acrescenta: “Participação é o empenhamento voluntário e generoso da pessoa nas permutas sociais. É necessário que todos tomem parte, cada qual segundo o lugar que ocupa e o papel que desempenha, na promoção do bem comum. Este é um dever inerente à dignidade da pessoa humana” [§1913]³.

A vocação **religiosa**, por sua vez, também se direciona para o mundo, mas exige uma entrega radical de sua vida a Deus. Este tipo de vocação existe desde a origem do Cristianismo: a) eremítica (homem ou mulher que tem a vida reclusa para vivenciar em amplitude a presença e o amor de Cristo); b) monástica (uma vida simples e sem interesse em bens de consumo – a vida do homem que segue a este chamado tem como alicerce a fé e a perseverança); e c) religiosa propriamente dita (o vocacionado, sob um regime de vida reclusa, assume votos de pobreza, castidade e obediência, como um chamado radical do batismo). Com o passar do tempo, apareceram muitas ordens, congregações, institutos seculares e sociedades de vida apostólica. Estes homens e mulheres vivenciam a total partilha de bens, vivem em uma comunidade fraterna e devem possuir total disponibilidade para Deus e seus “irmãos em Cristo”.

A **vocação sacerdotal**, por sua vez, pode ser *fundamental* ou *ministerial*. A primeira é comum a todo cristão leigo, chamado por Deus à dimensão sacerdotal de serviço aos cristãos,

² <http://www.salvaalmas.com.br/?cat=38&id=369>, acesso em 14/04/2016.

³ http://www.vatican.va/archive/catechism_po/index_new/p3s1cap2_1877-1948_po.html, acesso em 27/04/2016

inserido na instituição religiosa; portanto, qualquer homem que tenha sido batizado, ou seja, que tenha estabelecido um elo direto com Deus, elo este que foi posto quando Cristo foi sacrificado, tendo como propósito lavar os pecados de cada alma, e tenha sido chamado a cumprir esta vocação, pode ser um sacerdote, pois, segundo a Bíblia, “da parte de Jesus Cristo, testemunha fiel, primogênito dentre os mortos e soberano dos reis da terra **Aquele que nos ama**, que nos lavou de nossos pecados no seu sangue que **fez de nós um reino de sacerdotes para Deus seu Pai.**” (Ap.1, 5-6, grifo nosso).

Já na *vocação sacerdotal ministerial* o indivíduo é ordenado especificamente para o trabalho eclesial, competindo-lhe a tarefa de guiar as ovelhas do rebanho divino, além de realizar o sacrifício eucarístico (a missa), simbolicamente na pessoa de Cristo, e ofertar tal ato de amor pelos irmãos, a Deus, representando e lembrando a salvação do próprio povo.

Na vocação religiosa específica ministerial, encontramos uma função, que nos interessará particularmente: a de **presbítero**⁴, ministro cuja função surgiu na era apostólica, pois se sentiu a necessidade de continuar as sociedades cristãs, o que não era possível sem um sacerdote; este assume o ministério hierárquico na igreja, servindo aos irmãos, ensinando e pregando o evangelho de Deus, visitando e orando por pessoas doentes, julgando problemáticas doutrinárias, em suma, ele é responsável por liderar, proteger, pastorear a igreja.

2.2 Vocação, fonte de felicidade

Felicidade é um estado de satisfação plena, desejado por todos e de significado também conhecido por todos. Para Cortella⁵, “é uma vibração intensa, uma sensação de vitalidade que nos atinge e dá um gosto enorme por estarmos vivos”, sendo vivenciada de formas distintas, variando de pessoa para pessoa. A felicidade pode ser atingida, por exemplo, praticando esportes, conhecendo pessoas novas, no trabalho, ou até mesmo em casa, cozinhando; são muitos os geradores de felicidade, e variam de pessoa para pessoa, pois a ela não é apenas uma questão de corpo, ela é uma junção de corpo e espírito, tendo em vista que o ser humano é principalmente essência. Encontra-se a felicidade quando se é conhecedor da verdadeira vocação, pois, assim, enquanto ser, será capaz de satisfazer corpo e alma, tornando-se completo.

⁴ <http://monergismo.com/matt-perman/qual-e-o-papel-de-um-presbitero/>, acesso em 05/04/2016.

⁵ <http://exame.abril.com.br/revista-voce-sa/edicoes/171/noticias/felicidade-carreira-e-maratona>, acesso em 13/02/2016

Benjamim Franklin⁶ afirmava que “aquele que tem uma profissão tem um bem; aquele que tem uma vocação tem um cargo de proveito e honra”. Ansiando pela verdade expressa nesse discurso, muitos ultrapassam limites familiares, relações fraternais e limites da lei, na esperança de adentrar nesse estado de espírito, em que se encontra a paz e a glória esperadas por quem busca sua verdadeira vocação. Esta relação entre felicidade e vocação é antiga, e serve, até hoje, para justificar a infelicidade ou os distúrbios mentais e físicos que a ausência de tal sentimento causa nas pessoas.

A vocação só é realmente exercida quando conseguimos ter realização profissional, o que se torna viável quando fazemos o que gostamos e o que sabemos fazer bem feito. Nessas condições, a felicidade no trabalho é uma consequência natural.⁷

Segundo Alexandru Vlahuta⁸, “a sorte é um acaso, a felicidade uma vocação”; para a sociedade, a insatisfação individual e coletiva pode ser justificada pelo não conhecimento da verdadeira vocação. Em se tratando de felicidade, não existe opção entre ser ou não feliz, a pessoa é vocacionada a ser feliz desde o momento de sua concepção. De acordo com o ponto de vista de Vlahuta, não existem desculpas: desde sempre, o ser humano sabe que sua principal aptidão é a alegria, e, para vivenciá-la, precisa ser conhecedor de sua vocação “latente”: só usufrui da felicidade plena quem é capaz de reconhecê-la como parte de si mesmo.

3 A fuga no Romantismo

O ato de fugir é uma oportunidade de retardar ou evitar algum conflito; mas isso não é simples, tampouco fácil, e, na maioria das vezes, essa tentativa de evasão surge de uma ideia mal elaborada e mal amadurecida, resultando em mais um problema futuro: o indivíduo, provavelmente, se não tiver incentivo próprio de encarar seu *destino*, efetuará fugas, tornando-se, assim, um ciclo vicioso, de maus resultados, até chegar em uma reclusão social, psicológica, ou, como no caso do enfoque deste trabalho, amorosa.

Almeida Garret introduziu em Portugal o Romantismo, logo após ter sido influenciado, em seu exílio, pelo Romantismo inglês, fazendo, assim, com que as tendências

⁶ <http://kdfrases.com/frase/94023>, acesso em 01/06/2014.

⁷ <https://angelitascardua.wordpress.com/2008/10/06/trabalho-e-felicidade/>, acesso em 01/06/2014

⁸ <http://www.citador.pt/frases/a-sorte-a-felicidade-uma-vocacao-alexandru-vlahuta-2830>, acesso em 01/06/2014

árcades fossem se diluindo, cada vez mais, com o passar do tempo. Mas isso não se deu de forma rápida e conformada.

A vitória das novas ideias românticas em Portugal não foi pronta nem unânime: só depois que se resolveu o problema com a sucessão de D. João VI é que o novo figurino entrou a dominar efetivamente. O impedimento devia-se à força da inércia, representada pela reação conservadora de homens de letras educados segundo moldes clássicos e absolutistas. (MOISÉS, 2008, p. 183)

Este novo momento da literatura possuía um conjunto de características diferenciadas; o romântico pode ser destacado como subjetivo, egocêntrico, pois o “eu” é o ponto mais importante do universo em que está inserido. Ele é autocontemplativo, e, por pior que pareça, um homem doente, emocionalmente falando, um ser *fraco*, já que não consegue resolver suas adversidades, sempre recorrendo a medidas adjacentes: ele tenta constantemente se esquivar, romper com a realidade, fugir – no tempo e no espaço –, e almeja encontrar-se com a morte, que é a forma mais eficiente de abandonar um problema definitivamente e livrar-se do seu destino impiedoso e injusto.

Mais do que qualquer outro movimento estético, é impossível dizê-lo em poucas palavras, 1) porque o seu contorno, sendo extremamente irregular e movediço, abarca não raro tendências opostas ou contrastes, 2) porque corresponde a muito mais que uma revolução literária: sendo mais uma nova maneira de enfrentar os problemas da vida e do pensamento, implica uma profunda metamorfose, uma verdadeira revolução histórico-cultural, que abrange a filosofia, as artes, as ciências, as religiões, a moral, a política, os costumes, as relações sociais e familiares etc. (MOISÉS, 2008, p.168-169)

No caso da obra abordada neste trabalho, a personagem opta por fugir também, o que já era esperado, em se tratando de uma obra romântica; só que; no caso da personagem de Herculano, ela foge para uma carreira eclesiástica, em que se consome constantemente.

4 O autor

A obra *Eurico, o presbítero* é uma das principais de Alexandre Herculano de Carvalho e Araújo, que nasceu em Lisboa, no dia 28 de março de 1810. Além de um grande nome na literatura, pois foi um dos precursores e um dos que desenvolveu o Romantismo em Portugal, também era reconhecido por seus méritos como historiador e jornalista.

Sempre teve desavenças com o Clero, devido ao seu lado de historiador; baseado nos ideais liberais, não se eximia de qualquer tema, mesmo que este fosse inviável comentar.

Interpretando, com desassombro e espírito crítico, fatos da história de Portugal, com a batalha de Ourique, cujo aspecto lendário destroi com sólida argumentação, acaba provocando enérgica reação do clero, logo por ele revidada no opúsculo que veio a dar o nome à polêmica: *Eu e Clero* (1850). (MOISÉS, 2008, p. 191).

Herculano informa como produziu a personagem Eurico e a própria obra: “Da ideia do celibato religioso, das suas consequências formosas e dos raros vestígios que destas achei nas tradições monásticas nasceu o presente livro” (HERCULANO, 2006, p.10). O protagonista vive atormentado por ter seguido de forma avocacional a carreira eclesiástica, não lhe sendo permitido concretizarem-se amores trazidos do mundo. Aos olhos de Herculano, a Igreja impede a felicidade de seus discípulos, devido à ausência do matrimônio, podendo, assim, o direito à completude espiritual.

Supondo todos os contentamentos, todas as consolações que as imagens celestiais e a crença viva podem gerar, e achareis que estas não suprem o triste vácuo da soledade do coração [...]. Dai as paixões todo o ardor que puderes, aos prazeres mil vezes mais intensidade, aos sentimentos a máxima energia e converti o mundo em paraíso, mas tirai a mulher dele e o mundo será um eterno melancólico, os deleites serão apenas o prelúdio do tédio. (HERCULANO, 2006, p. 8)

Assim, diante o olhar de Herculano, o celibato castra a felicidade do sacerdote, tendo em vista que este não terá como viver em completude, pois, diante das penumbras da solidão, da ausência da mulher, ele será incompleto e infeliz.

5 Eurico

Jovem, de origem humilde e apaixonado pela linda Hermengarda, Eurico decide expor seu amor e pedir a mão da amada a seu pai, Fávila, duque da Cantábria, que ignora o amor do moço para com sua filha; diante deste fato, Eurico, criado nas regras da Igreja e conhecedor dos milagres de Deus, enxerga na vida pontifical a solução para sanar a sua dor. Não podendo unir-se a Hermengarda, por rejeição do pai dela, foge para a igreja, para um local onde acredita estar mais próximo a Deus. A concretização de sua entrada na vida eclesiástica é uma tentativa desesperada de salvar seu coração do negrume que o consumia.

Uma destas revoluções morais que as grandes crises produzem no espírito humano se operou então no moço Eurico. Educado na crença viva daqueles tempos; **naturalmente religioso porque poeta**, foi procurar abrigo e consolação d’Aquele cujos braços estão sempre abertos para receber o desgraçado que nele via buscar o derradeiro refúgio. (HERCULANO, 2006,

p. 20) [não percamos de vista a forte conotação romântica do trecho grifado por nós]

Porém o que pensara ser salvação tornou-se uma espécie de prisão espiritual, pois, mesmo com o passar dos anos e os feitos gloriosos, o presbítero Eurico não conseguia libertar-se das ranhuras do passado. A falta de vocação sacerdotal o impedia de conquistar a felicidade plena, porém não de realizar grandes feitos e marcar seu nome na boca do povo e na História: com o passar do tempo, Eurico começa a se destacar dentro da igreja, construindo cânticos religiosos, inspirados em seu oculto amor por Hermengarda.

Mesmo com todo este sentimento que o consumia, continuava firme nos votos que fizera a Deus, quando entrou na igreja; continuou a perseverar em seu compromisso de manter os fiéis nos caminhos da fé, e, mais tarde, tomou frente nas guerras santas, representando a igreja. Com o passar dos anos, o jovem foi pseudocurado de suas feridas, obtendo um alívio parcial do seu sofrimento.

A maior das humanas desventuras, a viuvez do espírito, abrandara, pela melancolia, as impetuosas paixões do mancebo e apagara nos lábios o riso do contentamento. [...] O entusiasmo e o amor tinham resurgido naquele coração que parecera morto, mas transformados, o entusiasmo em entusiasmo pela virtude; o amor em amor dos homens. E a esperança? Oh, a esperança, essa que não renascera! (HERCULANO, 2006, p. 21)

Um novo homem resurgia, mais forte; do velho, sobrara apenas o caráter brilhante e um coração guerreiro, sua vontade de desempenhar bem o seu dever tinham crescido dentro dele, o amor por seu semelhante havia tomado espaço em sua vida, alimentando diariamente sua fé na Bíblia.

Mesmo com a evolução espiritual, a personagem não consegue fugir do seus sentimentos por Hermengarda, pois vive em constância de conflitos internos, aprisionado a um amor proibido, e a uma ideia fixa: o não lutar de Hermengarda por seu amor correspondia ao fato de ele amar sozinho; isso o enlouquecia e o fazia definhar. Será justo este pensar do presbítero, tendo em vista a sociedade patriarcal do séc. XIX?

Nessa época, o perfil do homem e da mulher eram bem definidos e distintos, começando pelas meninas, educadas para serem boas donas de casa, cuidar bem dos filhos e, acima de tudo, respeitarem seus pais, e, no futuro, seus maridos, e obedecer-lhes, constituindo-se em mulheres passivas, submissas e condicionadas a não tomarem suas próprias decisões. Já os meninos eram orientados a estudar para adquirirem bons empregos, com o intuito de prover a casa, sustentar esposa e filhos. Dentro deste contexto, moças e

rapazes acatavam as vontades do pai, principalmente em relação ao matrimônio, na maioria das vezes casamentos arranjados, por motivos de interesse financeiro ou arranjos políticos e sociais. “As moças conheciam seus futuros maridos através dos pais e acatavam sua opinião, aceitando uniões que satisfaziam os critérios colocados pelos mais velhos, que definiam o que seria um ‘bom casamento’”⁹.

Mesmo sabendo de todo contexto, ao redor do qual circulava Hermengarda, Eurico não entendia o fato de ela não ter lutado contra o pai, para ficar com ele. O coração ferido não interpreta a razão, ou não o faz de forma clara, pois quanto mais próximo está da emoção, mais longínqua é a luz da razão. “Paz e esquecimento, ó meu Deus!” (HERCULANO, 2001, p. 50).

É evidente a religiosidade controversa da personagem, que não vive uma vocação, mas um castigo; ele se contorce pelos buracos do passado e se culpa por ainda nutrir tais sentimentos, mesmo estando inserido na carreira eclesiástica.

E quem te disse, presbítero, que o teu amor não é crime? Tem razão, consciência! Quando aos pés do venerável Siseberto o gordingo Eurico jurou que abandonava o mundo, devia despir as paixões que do mundo trouxera [...] As minhas paixões não poderiam morrer, porque eram imensas, e o que é imenso é eterno. (HERCULANO, 2006, p. 53)

Eurico se culpa por não conseguir se ater ao sacramento que escolhera, sua consciência o tortura; para ele, está em pecado constante, manchando a ordem a que segue, e isso o entristece, pois, “é mais do que criminoso, é sacrílego. [...] O Sacerdote que não é virtuoso desconhece a santidade do seu estado, [...] despreza a graça [...]. **O seu sacerdócio condena-o e lhe é um fardo, enquanto não se lhe torna um castigo.**” (LA CROIX, 1942, p.51 - grifo nosso.)

Diante deste sofrimento, Eurico encontra-se em contradição com o que acredita e segue, começa a duvidar da bondade de ser um homem santo, e chega a se questionar: é melhor seguir a Deus ou lutar por quem ama, para concretizar, de fato, a verdadeira felicidade? Tendo em vista que era vocacionado ao matrimônio, e sua real felicidade só seria obtida nos braços de uma mulher, mais uma vez tenta escapar do conflito em que está inserido – amor a Deus *x* amor por Hermengarda –, pois não consegue conter o que sente, não consegue mais lutar em nome do que não acredita, e opta por findar sua vida: em um momento de desespero, permite que a morte o carregue, acreditando que os tormentos da vida

⁹ http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722000000300006, acesso em 26/04/2016.

o deixarão em paz. Sabia, entretanto, que o meio utilizado para isso seria incoerente com os ensinamentos de Deus, e com o que ele próprio pregava, na condição de religioso. Rompe, então, com a santidade, justificando o seu ato impuro, aos olhos do Pai, com as boas ações realizadas.

Então, recuando o guerreiro cristão exclamou: – Meu Deus! Meu Deus! Possa do sangue do mártir remir os crimes do presbítero! [...] Mugnez, cego de cólera, vibrara a espada no crânio do seu adversário [...] assim o guerreiro misterioso críssus caía para não mais se erguer!...(HERCULANO, 2001, p. 292)

Como, em um primeiro instante, fugiu para a igreja, e agora observa que sua escolha mal amadurecida, em um momento de descontentamento emocional, condenara-lhe a mais sofrimento e desilusões, desta vez não busca uma solução lógica e aceitável, tanto social quanto espiritualmente; agora, a fuga é, não bem vista, mas esperada, apenas por sua alma, sedenta de paz, alma sofrida e sem esperança. O Presbítero opta por fugir para a Morte, para não mais adiar suas irresoluções de vida. Sua intenção é realmente acabar com tudo, mesmo tomando esta atitude repudiada aos olhos de Deus, pois “não matarás”, teria dito Ele, em seu sexto mandamento; a vida é dada por Deus e só Ele tem o direito de ceifá-la.

Eurico sabia que a semântica do mandamento é extensa: não é apenas a vida alheia que não pode ser findada pelas mãos do semelhante, mas a própria também é preciosa, e não deve ser interrompida, se não por Deus; ciente disso, ele espera que Deus o perdoe, em função das grandes realizações do homem santo que tentou ser, e de seus grandes feitos para com o próximo.

6 Considerações finais

Diante do discurso de Eurico, constatamos que sua insatisfação emocional e sua confusão psicológica são oriundas da sua ausência de vocação pela vida eclesiástica, pois vocação implica diretamente satisfação do ser.

Vocação não significa fazer bem o que se propõe, pois o presbítero, mesmo não sendo vocacionado para a vida religiosa, a desempenha com competência e a cultiva de forma sábia e equilibrada, destacando-se no que faz, e desmentindo a teoria de que não se pode realizar com perfeição aquilo a que não se é destinado.

Vocação está totalmente ligada à felicidade, a episódios de satisfação máxima, e pode ser vista como uma expressão matemática, em que as variáveis são: felicidade = realidade –

expectativa (CORTELLA¹⁰). Eurico possuía um conflito entre a vida sacerdotal e o amor mal resolvido, mas tinha expectativa de encontrar uma solução para curar suas feridas emocionais, uma solução que lhe trouxesse paz, para poder vivenciar o amor a que ele tanto almejava.

ABSTRACT

Alexandre Herculano, one of the leading names of romantic literature in Portugal, looked your life on intellectual work, evaluating and pointing the social, political and cultural problems of his country. Among its more important works stands out *Eurico, o Presbítero*. The religious position that character Eurico and controversial and doubtful, given that the priestly vocation not you was present; dipped in a time when the ecclesiastical career was seen as a form of social ascension position or loving flight, contrary to expectations, whether or by vocation, Eurico starts aqñ interesting priestly life, but not forget what motivated this destiny. Starting from the theories que study Romanticism on century XIX, this work deals with the specific characteristics this time of literature, highlighting the evasion, an escape from reality, according Moises (2008) and Saraiva and Lopes (2008), in addition to focusing happiness concepts, established by Socrates (CHAUÍ, 1997), and vocation, in a spiritual perspective (LA CROIX, 1942).

KEYWORDS: Alexandre Herculano. Vocation. Escape. Ecclesiastical career.

¹⁰ <http://www.youtube.com/watch?v=wNJWFK9y9fM>

REFERÊNCIAS

BÍBLIA Sagrada. 74. ed. Trad. de Fr. João José Pedreira de Castro O.F.M. São Paulo: Ave Maria, 2008.

MOISÉS, Massaud. **A literatura Portuguesa**. São Paulo: Cultrix, 2008.

SARAIVA, A. J.; LOPES, Oscar. **História da Literatura Portuguesa**. 17. ed. Porto: Porto Editora, 2005.

HERCULANO, Alexandre. Eurico, o Presbítero. Cidade: São Paulo. Editora: USP, 2006. disponível em www.ebooksbrasil.org/adobeebook/eurico.pdf, acesso em 24/04/2006